

# Reflexões sobre a falta de lucidez no estado distópico de José Saramago

## Reflections on the lack of lucidity in José Saramago's dystopian state

Wagner Rodrigues Araújo (Wagner Merije)

*Frequenta o doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Dedicou-se aos estudos das obras de José Saramago e Ignácio de Loyola Brandão, da distopia e da poesia em língua portuguesa. Tem artigos publicados em revistas e livros. É autor de Sol do novo mundo - Fatos e curiosidades sobre a Independência do Brasil e outras guerras e revoluções que impactaram o mundo (2022) e outros 11 livros. Organizou e editou dezenas de publicações, entre as quais estão obras de Fernando Pessoa, Luís Vaz de Camões, Florbela Espanca, Mário de Sá-Carneiro, Camilo Pessanha, e títulos como Coimbra em palavras, Coimbra em imagens, dentre outros. É membro-fundador da Frente Cultural do Dia Mundial da Língua Portuguesa. Email: wmerije@gmail.com*

“As palavras aconselham, sugerem, insinuam, ordenam, impõem, segregam, eliminam.”  
**José Saramago** (“As Palavras” - *Deste Mundo e do Outro*)

"Da literatura à ecologia, da fuga das galáxias ao efeito de estufa, do tratamento do lixo às congestões do tráfego, tudo se discute neste nosso mundo. Mas o sistema democrático, como se de um dado definitivamente adquirido se tratasse, intocável por natureza até à consumação dos séculos, esse não se discute."

**José Saramago** (Fórum Social Mundial, Porto Alegre/Brasil, fevereiro de 2002)

“Não somos mais, na vida de ontem e na de hoje, do que as sucessivas metamorfoses, diferentemente adaptadas, do mesmo ser astral. O homem é uma crisálida que se lembra.”  
**Mário de Sá-Carneiro** (1890-1916) (*Céu em fogo*)

### Resumo

*Se olharmos a obra romanesca de Saramago, identificaremos vários cotidianos opressivos, nas palavras de Ana Paula Arnaut (2008, p. 27). Em Ensaio sobre a Lucidez, esse ambiente opressivo é radicalizado e os cidadãos são reduzidos a números, a seres descartáveis, cujas vidas valem pouco e estão nas mãos de burocratas alucinados e policiais violentos. Nesta comunicação buscamos aprofundar a leitura de Ensaio sobre a Lucidez à luz dos acontecimentos mais recentes. O que podemos aprender com este romance e a visão que apresenta da sociedade?*

### Palavras-Chave

*José Saramago, Ensaio sobre a Lucidez, Distopia.*

### Abstract

*If we look at Saramago's novels, we will identify several oppressive daily life, in the words of Ana Paula Arnaut (2008, p. 27). In Essay on Lucidity, this oppressive environment is radicalized and citizens are reduced to numbers, to disposable beings, whose lives are worth little and are in the hands of hallucinated bureaucrats and violent policemen. In this communication, we seek to deepen the reading of Essay on Lucidity in light of the most recent events. What can we learn from this novel and the vision it presents for society?*

### Keywords

*José Saramago, Essay on Lucidity, Dystopia.*

*Mau tempo para votar*: as primeiras palavras do livro *Ensaio sobre a Lucidez*, publicado em 2004 por José Saramago, dizem muito, anunciam a questão, o problema, e como seria previsível, há pressões, anseios, ansiedades, jogos de poder e capital financeiro a envolver uma eleição.

O mau tempo se revelará para os eleitores, para os envolvidos no processo eleitoral, para os partidos, para os dirigentes, para a democracia e, por conseguinte, para o povo e o país.

## **A Lucidez, ave rara nos dias que correm**

Lucidez na psicologia diz respeito a fase de regresso a um pensamento normal, após um período de confusão mental ou de delírio. A lucidez no romance *Ensaio sobre a Lucidez* se opõe à loucura, ao desvario, à demência. Não se trata, portanto, de mera metáfora ou ironia.

Se aos homens do governo e das forças de repressão fosse dada a capacidade de auto-crítica, se lhes fosse dada lucidez, eles bem poderiam repetir os cegos do outro *Ensaio* e dizer: “já éramos cegos no momento em que cegamos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos” (SARAMAGO, 1995, p. 131).

E diriam mais, “Porque, enfim, podemos fugir de tudo, menos de nós próprios”. (SARAMAGO, 1982, p. 70).

A lucidez, neste caso, cabe a poucas personagens, mas principalmente ao narrador, encarregado neste romance (mas não exclusivamente) de acionar problemas políticos, sociais, existenciais, comerciais, de direitos e deveres, mas principalmente éticos, que se repetem e estão em aberto:

Peço licença para recordar ao nosso caro colega e ao conselho, disse o ministro da justiça, que os cidadãos que decidiram votar em branco não fizeram mais que exercer um direito que a lei explicitamente lhes reconhece, portanto, falar de rebelião num caso como este, além de ser, como imagino, uma grave incorrecção semântica, espero que me desculpem por estar penetrando num terreno em que não sou competente, é também, do ponto de vista legal, um completo despropósito (SARAMAGO, 2015, p. 62)

Ao ouvir esta declaração, o ministro da defesa sai-se com um discurso curto e grosso, cuja fala pode assim ser resumida: “(...) estado de sítio em cima deles e já veremos se lhes dói ou não dói” (SARAMAGO, 2015, p. 62)

O que o escritor faz, então, é dar vez, voz e contornos ao monstruoso, para fazer-nos pensar. Porém, ele mesmo admitiu, “o futuro (...) é o lugar único onde se podem emendar erros”. (SARAMAGO, 1986, p. 263-264).

## **Cotidiano opressivo e as injustiças e atrocidades**

Se olharmos a obra romanesca de Saramago, identificaremos vários *cotidianos opressivos*, nas palavras de Ana Paula Arnaut (2008, p. 27). Isto pode ser observado em *Levantado do Chão* (1980), *Memorial do Convento* (1982), *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), *Ensaio sobre a Lucidez* (2004), para ficar em alguns exemplos.

Lembremos, ainda, como bem aponta Teresa Cristina Cerdeira da Silva, que alguns dos diálogos mantidos entre Ricardo Reis e Fernando Pessoa criam a oportunidade para

“comentários cáusticos e dessacralizadores” (SILVA, 1989, p. 126) sobre regimes totalitários; sobre a religião, provavelmente regime não menos totalitário que os políticos; sobre diversas e múltiplas injustiças e atrocidades que, sob muitas máscaras, sempre se exerceram sobre os mais fracos.

Esse cotidiano opressivo e as injustiças e atrocidades em *Ensaio sobre a Lucidez* estão entre os cinco ou seis temas que escolhemos para esta leitura reflexiva da referida obra do autor português. Trata-se de uma tentativa de entender o mundo que nos cerca com o apoio luxuoso de José Saramago.

O que interessa-nos é discutir a ficção, mas também o pensamento de Saramago à luz deste século, da literatura que toca na ferida dos políticos de hoje, sem perder de vista o impacto terrível da pandemia de corona vírus e com um olhar ainda mais crítico para o comportamento dos políticos perante os desafios impostos.

Este artigo carrega, pois, a carga de muitas vidas sacrificadas, sendo que milhões delas poderiam ter sido evitadas justamente se tivéssemos políticos de outra qualidade, não tantos como os que ocupam o governo do fictício país inventado pelo escritor, país este nunca nomeado ou espaço-temporalmente identificado.

O resultado da eleição na capital — oitenta e três por cento de votos em branco — revela de forma objetiva o descontentamento da população da principal cidade do país com os políticos. Saramago assim descreve a situação:

O desconcerto, a estupefação, mas também a troça e o sarcasmo, varreram o país de lés a lés (...) porque nos municípios da província (...) a eleição havia decorrido sem acidentes nem sobressaltos (...) e que haviam obtido resultados que não se diferenciavam dos de sempre (...) (SARAMAGO, 2015, p. 25)

Entretanto, os governantes — presidente, primeiro-ministro e ministros de estado —, não aceitam a derrota e empreendem uma verdadeira campanha de retaliação contra “os brancos”, acusados de “conspiradores”.

Mahatma Gandhi acreditava que o que destrói a humanidade é a política sem princípios, o prazer sem compromisso, a riqueza sem trabalho, a sabedoria sem caráter, os negócios sem moral, a ciência sem humanidade e oração sem caridade. Tal pensamento vai de encontro aos posicionamentos ideológicos, filosóficos e religiosos de Saramago. Nenhuma mudança ocorrerá se não houver justiça. E como bem lembrou Martin Luther King, *a injustiça num lugar qualquer é uma ameaça à justiça em todo lugar*.

A capital do país é sitiada e uma caçada “aos culpados” é colocada em prática, o que “irá dificultar seriamente, em todos os aspectos, a vida da população da capital, tanto dos culpados como dos inocentes”. (SARAMAGO, 2015, p. 65)

Para os que se dizem apartidários ou que dizem que não gostam do assunto, é forçoso lembrar que a política não se situa no pólo oposto ao de nossa vida. Desejemos ou não, ela permeia nossa existência, insinuando-se nos espaços mais íntimos, conforme Angela Davis e outros já disseram. Todos os indivíduos são frágeis e estão expostos a várias ameaças e, sem uma determinada organização e elevado instinto de justiça e sobrevivência, não conseguiremos salvar nossas vidas e destruiremos outras vidas junto. No memorável discurso de Estocolmo, proferido no ano em que a assinatura da Declaração Universal dos Direitos do Homem completava 50 anos, José Saramago fez questão de lembrar-nos que “as injustiças multiplicam-se, as desigualdades agravam-se, a ignorância cresce, a miséria alastra”. E, se não fosse pouco, ele ainda sublinhou:

a mesma esquizofrénica humanidade capaz de enviar instrumentos a um planeta para estudar a composição das suas rochas, assiste indiferente à morte de milhões de pessoas pela fome. Chega-se mais facilmente a Marte do que ao nosso próprio semelhante. (SARAMAGO, 2018, p. 6)

## Questionar a democracia

Abre-se hoje em dia, sem dúvida, uma nova era de desafios importantes e sérios que as democracias terão de enfrentar, provavelmente durante umas décadas. É inegável que a globalização liberal, posta em marcha no final do século passado, entrou numa fase crítica devido à sua clara e consciente desregulação caótica, responsável por suas contradições atuais.

Nesta alegoria sobre a fragilidade dos rituais democráticos e das instituições que é o livro *Ensaio sobre a lucidez*, José Saramago não propõe a substituição da democracia por um sistema alternativo, mas o seu permanente questionamento. Em 25 de Janeiro de 1997 ele disse a Carlos Reis: “Onde é que a literatura viveria, se pudesse viver fora da ideologia ou à margem dela? A Literatura pode viver até de uma forma conflituosa com a ideologia [...] O que não pode é viver fora da ideologia”. (REIS, 1998, p. 47)

Esse questionamento pela via da ficção permite imaginar uma saída para esse impasse dentro da própria ficção. Tal possibilidade é a potência simbólica da literatura, que coloca ficção e realidade como espelhos a refletirem-se, e assim são geradas novas imagens, novos pensamentos e novos territórios para a reflexão.

O olhar do autor, ou do narrador em seu lugar, entretanto, não esconde a visão de quem viu e viveu sob a ditadura salazarista por 41 anos. O envolvimento de Saramago com política vai além da observação dos fatos, como cidadão ou jornalista. Em 1969 ele aderiu ao Partido Comunista Português, passando desde logo a integrar a organização dos intelectuais de Lisboa. No decorrer do processo revolucionário que se seguiu ao 25 de Abril de 1974, participa militantemente nas múltiplas iniciativas levadas a cabo pelo Partido, tal como nas importantes e diversificadas ações do movimento operário e popular, mas sempre com independência e distanciamento crítico. Nas eleições autárquicas de 1989, proposto pelo Partido, integra a lista da coligação “Por Lisboa” e é eleito Presidente da Assembleia Municipal; foi candidato ao Parlamento Europeu, pela CDU, em todas as eleições para aquele órgão, desde 1987 até 2009.

Se para Saramago a ideologia está associada à Literatura, só depois do fim da ditadura em Portugal foi possível elaborar um livro como *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, em que a ironia e a crítica são instrumentos usados para retratarem o governo de António Salazar. Em 1996 o Nobel português declarou “Creio que nada ou quase nada daquilo que fiz, depois do 25 de Abril, podia ter sido feito antes”. (BATISTA-BASTOS, 1996, p. 60). Tal declaração revela que a obra de José Saramago é, também ela, uma conquista de Abril. Na visão de Berrini (1998, p. 134-136), “interessa (...) ao autor dizer a todos o que considera sua obrigação divulgar: revelar ao mundo a sua terrível realidade, pelo menos contribuir para tal”.

A busca de um novo equilíbrio eco-econômico-social planetário é, portanto, imprescindível, como parece dizer Saramago. E como sabemos nós. Enfrentar o desafio deste novo período exige imperativamente que as democracias encontrem modelos econômicos e sociais que apostem, de forma efetiva, na eliminação da grande fissura atual da desigualdade, e fortaleçam o respeito mútuo e a solidariedade.

## A pecadora cidade do voto em branco

Em diálogo com Carlos Reis, Saramago afirmou: “A mim o que me preocupa é a questão do poder, não a relação que o escritor ou o intelectual ou o artista tenham ou obriguem a ter com o poder”. (REIS, 1998, p. 55). Essa é, a nosso ver, uma questão que se parece com um novelo de muitas pontas, e que perpassa o livro inteiro e toda esta análise. O poder assume várias formas e tenta impor-se em diversos ambientes.

Taxada como “uma cidade por muitos motivos inimiga” (SARAMAGO, 2015, p. 217), a capital do país de *Ensaio sobre a Lucidez* vira um dos piores lugares para se viver. Como se não bastasse a repressão policial, políticos usam a religião para fazer ameaças. É o que ocorre em um trecho do romance, quando o narrador faz um paralelo daquela cidade dos “brancos” com quantas outras cidades bíblicas que foram fulminadas e arrasadas com todos os habitantes dentro:

Aqui está uma cidade que votou em branco contra o senhor e não houve um raio que lhe caísse em cima e a reduzisse a cinzas como, por culpa de vícios muitos menos exemplares, aconteceu a Sodoma e a Gomorra, e também a Adnia e a Seboim, queimadas até aos alicerces, se bem que destas duas cidades não se fala tanto como das primeiras, cujos nomes, talvez pela sua irresistível musicalidade, ficaram para sempre no ouvido das pessoas. Hoje, tendo deixado de obedecer cegamente às ordens do senhor, os raios só caem onde lhes apetece, e já se tornou evidente e manifesto que não será possível contar com eles para reconduzir ao bom caminho a pecadora cidade do voto em branco. (SARAMAGO, 2015, p. 212-213)

Aos olhos dos agentes (abutres) da polícia, as pessoas que passam na rua são “todas culpadas de algo”. Essa determinação em culpabilizar os outros, subterfúgio para a manipulação e o controle, basta para eles fazerem especulações maldosas:

aquele velho de aspecto venerando, por exemplo, não será o grão-mestre das últimas trevas, se aquela rapariga abraçada ao namorado não encarnará a imorredoura serpente do mal, se aquele homem que avança cabisbaixo não estará a dirigir-se ao antro desconhecido onde se destilam os filtros que enveneram o espírito da cidade (SARAMAGO, 2015, p. 210-211)

Com suas palavras tão bem escolhidas e fecundadas de muitos significados e significantes, Saramago revela uma cosmo-visão literária que encontra nas relações entre corpo e alma, verdade e ficção, tempo e reflexão, ser e estar, viagem e conhecimento, o *pensar com o mundo* que Paulo Freire propunha.

## Os direitos e os deveres de cada um

E como vencer a mediocridade, a ignorância e o medo? Saramago falava que devíamos pensar, mais do que nos nossos direitos, nos deveres de cada um. Ele acreditava que se todos a cuidassem dos seus deveres, seguramente teríamos uma sociedade mais orgânica e solidária.

*Mau tempo para votar*, as primeiras palavras do romance também podem ser interpretadas, e no caso de Saramago há sempre mais nas entrelinhas, como um dos paradoxos vividos pelos ditos cidadãos dos séculos XX e XXI, até aqui, que mesmo tendo direito ao

voto, não obtém o direito às mudanças. O poder e as riquezas continuam concentradas nas mãos de poucos, que para não perderem os privilégios são capazes de tudo. “É regra invariável do poder que, às cabeças, o melhor será cortá-las antes que comecem a pensar, depois pode ser demasiado tarde”. (SARAMAGO, 2015, p. 116)

Nos anos seguintes ao Prêmio Nobel, e antes mesmo, José Saramago correu várias vezes o mundo, participando em conferências, colóquios, fóruns, seminários, debates, levando a outros povos e outras gentes a sua reflexão sobre a situação no mundo. Coincidências memoráveis, o discurso de José Saramago, em Estocolmo, quando foi receber o Nobel – ecoou a comemoração do 50º aniversário da assinatura da Declaração Universal dos Direitos do Homem.

E uma vez mais vale lembrar umas tantas frases ditas por José Saramago no dia 10 de dezembro de 1998, no brinde do jantar posterior à entrega do prêmio:

Alguém não anda a cumprir o seu dever. Não anda a cumpri-lo os governos, porque não sabem, porque não podem, ou porque não querem. Ou porque não lhes permitem aquelas que efetivamente governam o mundo, as empresas multinacionais e pluricontinentais cujo poder, absolutamente não democrático, reduziu a quase nada o que ainda restava do ideal da democracia. Mas também não estão a cumprir o seu dever os cidadãos que somos. Pensamos que nenhuns direitos humanos poderão subsistir sem a simetria dos deveres que lhes correspondem e que não é de esperar que os governos façam nos próximos 50 anos o que não fizeram nestes que comemoramos. Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra. Com a mesma veemência com que reivindicamos direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez o mundo possa tornar-se um pouco melhor. (DEL RÍO, 2018, p. 8)

Ao lermos estas frases carregadas de ideias e que desafiam-nos, quase podemos ouvir a voz pausada e firme do próprio Saramago a dizê-las. E para quem sabe ler, um pingo é letra.

## **Sociedades imaginárias ainda piores que a realidade**

Retomando o *Ensaio sobre a Lucidez*, escrito numa linguagem solene, na qual o narrador assume a objetividade distante de um relator oficial, nele Saramago combina a força da linguagem oral com recursos estilísticos de traços barrocos, marcas fortes em sua escrita. O resultado é uma obra irônica e moralista em que a humanidade é dissecada pela pena sarcástica do autor, disposto a mostrar a falta de lucidez e a crueldade dos homens e de suas utopias.

E, se as utopias, são vistas pelo autor como falhadas, pode este romance ser lido como uma obra distópica? Esta é uma questão que faz parte das discussões que empreendo em minha investigação, avaliando até que ponto a distopia pode se configurar como gênero ou subgênero literário. Como já dissemos em outra ocasião, embora a distopia na literatura não possua um fundamento normativo, percebemos que ela detém um horizonte ético-político que lhe permite produzir debates sobre a sociedade, denunciar a violência, a opressão e o autoritarismo:

A narrativa distópica é, em grande parte, o produto dos terrores do século XX. Cem anos de exploração, repressão, violência estatal, guerra, genocídio, doenças, fome, ecocídio, depressão, dívida e o constante esgotamento da humanidade através da compra e venda da vida cotidiana forneceram terreno

fértil mais do que suficiente para este lado oculto fictício da imaginação utópica. Embora suas raízes estejam na sátira Menippeana, no realismo e nos romances anti-utópicos do século XIX, a distopia surgiu como uma forma literária por direito próprio no início dos anos 1900, quando o capital entrou numa nova fase com o início da produção monopolizada e quando o estado imperialista moderno ampliou seu alcance interno e externo. Desde esse período inicial, e ao longo de sua história variada e mutável, esta máquina narrativa negativa produziu mapas cognitivos desafiadores da situação histórica por meio de sociedades imaginárias ainda piores do que aquelas que estão fora das portas de seus autores e leitores.<sup>1</sup> (MOYLAN, 2000, p. 11)

Por meio de algumas obras literárias podemos perceber algumas (ou várias) particularidades das épocas a que estão associadas, ou melhor, dos períodos em que foram geradas. Mas também isso acontece com o agora, com o que está a se passar em várias partes do mundo. Reparemos na terrível descrição feita pelo presidente da Câmara da capital do país imaginário criado por Saramago:

(...) a cidade, reparando bem, já não faz parte do mundo conhecido, tornou-se numa panela cheia de comida podre e de vermes, numa ilha empurrada para um mar que não é o seu, um lugar onde rebentou um perigoso foco de infecção e que, à cautela, foi posto em regime de quarentena, à espera de que a peste perca a virulência ou, por não ter mais a quem matar, acabe por se devorar a si mesma. (SARAMAGO, 2015, p. 115)

Criações distópicas implementam mudanças do olhar: trata-se de uma caça a novos caminhos, uma busca por futuros distintos, postura que exige inversão de perspectiva ao subverter expectativas e criar novos ângulos. Para contrapor a angústia e a dúvida, Saramago preenche suas páginas com ironia e jogo. Para o bem entendimento disto, recorreremos às palavras de Conceição Madruga:

Em vez de procurar um tipo de reflexão, um tipo de filosofia, obcecado por chegar à verdade do mundo, José Saramago constrói discursos abertos e dialogantes, sem preocupação de atingir a verdade única. Na sua obra a verdade surge no interior de um espaço que se vai construindo com a leitura. (...) (MADRUGA, 1998, p. 133)

Diante dessas virtudes dos romances do Nobel português, ficam ainda mais escancarados os desmandos e descasos dos políticos e dos ricos para com a população, o que só pode dar em caos. E como Saramago já escreveu em uma das epígrafes de *O Homem Duplicado*, “o caos é uma ordem por decifrar”.

---

<sup>1</sup> Dystopian narrative is largely the product of the terrors of the twentieth century. A hundred years of exploitation, repression, state violence, war, genocide, disease, famine, ecocide, depression, debt, and the steady depletion of humanity through the buying and selling of everyday life provided more than enough fertile ground for this fictive underside of the utopian imagination. Although its roots lie in Menippean satire, realism, and the anti-utopian novels of the nineteenth century, the dystopia emerged as a literary form in its own right in the early 1900s, as capital entered a new phase with the onset of monopolized production and as the modern imperialist state extended its internal and external reach. From that early period, and throughout its varied and shifting history, this negative narrative machine has produced challenging cognitive maps of the historical situation by way of imaginary societies that are even worse than those that lie outside their author's and reader's doors.

## Breves considerações sobre esta leitura

A narrativa de *Ensaio sobre a lucidez* desenvolve-se em um cenário que se pode dizer distópico, onde o poder político está a serviço da perpetuação do patriarcado, do colonialismo e do capitalismo, responsáveis pelo agravamento das crises sanitárias, éticas, humanitárias e climáticas por quais estamos passando. O sábio Voltaire uma vez disse que *a política tem a sua fonte na perversidade e não na grandeza do espírito humano*.

O instigante dessa história é que, se por um lado interessa aos políticos um povo cada vez mais alienado e subserviente, por seu turno, para escritores como José Saramago, interessa leitores cada vez mais críticos e interessados em aprofundar-se nas questões colocadas. Como um abre cabeças, um profeta ou um mensageiro das inquietudes, Saramago convida-nos à inquietação. E, como bem diz Berrini (1998, p. 134-135), “ao leitor cabe ir além, aprofundar a leitura, para encontrar os esclarecimentos e soluções para as perplexidades, despertadas ou confirmadas pela leitura, que o angustiam (...)”.

O livro, neste caso o de Saramago, torna-se assim uma espécie de campo de batalhas interessantes: a crítica contra o silenciamento; a consciência contra a alienação; a liberdade contra a prisão; a vida contra a morte.

Antes de finalizar, convém ter ciência de que nem sempre o título de um livro recai sobre a melhor escolha. Pensando assim, de forma imaginativa, qual seria um título mais adequado para esta obra do Nobel português? Ensaio sobre a Ignorância? Ou Ensaio sobre a Mediocridade? Fica a dúvida. Há de se pensar.

No final do romance, o inesquecível escritor português faz soar a corda da esperança, quando escreve (SARAMAGO, 2015, p. 321): “(...) metade da população já está na rua e a outra metade não tardará”. A Esperança, entretanto, é assassinada junto com a *mulher do médico e o cão das lágrimas*.

## Referências

- ARNAUT, Ana Paula. **José Saramago**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- BATISTA-BASTOS. **José Saramago, Aproximação a Um Retrato**. Lisboa: Dom Quixote, 1996.
- BERRINI, Beatriz. **Ler Saramago: O Romance**. Lisboa: Caminho, 1998.
- DEL RÍO, Pilar. **Alegria e Gratidão**. *Jornal de Letras*, 26.09.2018.
- MADRUGA, Conceição. **A Paixão segundo José Saramago**. Porto: Campo das Letras, 1998.
- MOYLAN, Tom. **Scraps of the Untainted Sky - Science Fiction, Utopia, Dystopia**. Oxford: Westview, 2000.
- REIS, Carlos. **Diálogos com José Saramago**. Lisboa: Caminho, 1998.
- SARAMAGO, José. **Discursos de Estocolmo**. Porto: Porto Editora, 2018.
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Lucidez**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SARAMAGO, José. **O Homem duplicado**. Porto: Porto Editora, 2014.
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira**. Lisboa: Caminho, 1995.
- SARAMAGO, José. **A Jangada de Pedra**. Lisboa: Caminho, 1986.
- SARAMAGO, José. **Memorial do Convento**. Lisboa: Caminho, 1982.
- SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. **José Saramago – Entre a história e a ficção: uma saga de portugueses**. Lisboa: Dom Quixote, 1989.